

Diários, musicobiografização e intersubjetividade: caminhos possíveis para disciplinas de formação de professores de música após tragédia climática

Comunicação

Ana Lúcia Louro

Universidade Federal de Santa Maria/Universidade do Estado de Santa Catarina
ana.louro@ufsm.br

Resumo: Nesta comunicação de pesquisa, problematizo os dados produzidos em um estudo sobre diários de uma professora formadora do curso de Licenciatura em Música da UFSM e de do Programa de Pós-Graduação em Educação da mesma instituição. Partindo dos escritos de Hess (2006) e Zabalza (2004), são localizados dois dilemas enfrentados após a volta às aulas, imediatamente posterior às enchentes de maio de 2024 no Rio Grande do Sul: 1. Ao recomençar as aulas seria interessante simplesmente retomar os conteúdos, ou seria melhor abordar também as experiências com as enchentes? 2. Como continuar dando aula com as dificuldades apresentadas por mim e pelos estudantes? Na análise de dados, são pontuadas a intersubjetividade e a musicobiografização, sendo destacada a passagem de uma névoa de tristeza para a alegria possível nas circunstâncias, através da ludicidade experienciada no fazer musical.

Palavras-chave: Educação Musical, Ensino Superior, pesquisa (auto)biografica, diários, intersubjetividade, musicobiografização

Abstract: In this research communication, I problematize the data produced in a study of the diaries of a graduation teacher in a music course and a postgraduate program in education of UFSM. Based on the writings of Hess (2006) and Zabalza (2004), two dilemmas faced in making teachers courses after returning to school, immediately after the floods of May 2024 in Rio Grande do Sul, are located: 1. When starting classes again, would be better to simply resume the content address experiences with floods, or would be better also address the experiences with the floods? 2. How to continue teaching with the difficulties presented by myself and the students? In the data analysis, intersubjectivity and musicbiographization are scored, highlighting the passage from a haze of sadness to the joy possible in the circumstances, through the playfulness experienced

Keywords: Music Education, High Education, biographic research, diaries, intersubjectivity, musicbiographization.

21 a 23 de novembro de 2024
Maringá - Paraná | Universidade Estadual de Maringá / Sesc



www.abem.mus.br

O momento que o estado do Rio Grande do Sul viveu no final do mês de maio de 2024 foi extremamente atípico. As cheias inundaram várias cidades, inclusive, na capital, o principal aeroporto estava interditado. Dentro desse cenário, fomos convidados a retomar as aulas na nossa universidade UFSM (Universidade Federal de Santa Maria). Ficam as perguntas: O que ensinar? Como ensinar? Como propor uma formação de professores em artes-música coerente com o momento? A partir de algumas reflexões advindas da prática no ensino do curso de Música-Licenciatura Plena, trago o presente relato de pesquisa em andamento, buscando colaborar às respostas a tais questões.

Por que fazer música quando as casas estão debaixo de água? Por que ensinar música quando nossos comércios estão arruinados?

Se a música e a arte forem apenas um ornamento da vida, supérfluo e descartável quando existem outras necessidades, não haveria uma resposta positiva para esta pergunta. No entanto, considerando as práticas musicais e o ensino de música como um encontro entre pessoas que, juntas, buscam sentidos para a luta de sobrevivência, é possível encontrar respostas para esse questionamento. Estivemos juntos fazendo música, como tantas canções que foram compostas neste momento. Buscamos mostrar para as nossas crianças e jovens como acreditar no amanhã e recomeçar. De que maneiras se trabalha com formação de professores de música nestas circunstâncias?

A intersubjetividade trazida por Dutra (2024) e tanto outros autores parece ser uma das respostas possíveis. É preciso pensar nos seres humanos convivendo enquanto fazem música. Há alguns anos, desenvolvemos no grupo de pesquisa NarraMus (Autonarrativas de práticas musicais), certificado na UFSM e no CNPq, Líderes Ana Lúcia Louro e Maria Cecília de Araujo Torres, a metodologia dos diários de aula baseada em autores como Zabalza (2004) e Hess (2006).

O diário busca contar sobre as aulas, no caso aulas de formação de professores de música, em especial sobre os dilemas, intersubjetividades e musicobiografizações que ocorrem durante a prática educativa. Zabalza (2004) traz a noção de dilema, organizando a escrita e análise de diários a partir de ponderações sobre situações de difícil solução; já a intersubjetividade presente nos escritos de Dutra (2024) realça os encontros entre

21 a 23 de novembro de 2024
Maringá - Paraná | Universidade Estadual de Maringá / Sesc



www.abem.mus.br

professores e alunos em relações nas quais se sobressai o humano; por último, a musicobiografização cunhada por Abreu (2022), um termo nocional sobre as relações entre narrativas e músicas, já exploradas por muitos pesquisadores, mas que anteriormente não tinha tido a clareza apresentada por esta autora.

Primeira aproximação da literatura

No currículo do curso de Música- Licenciatura Plena da UFSM, existe uma disciplina de Práticas Educativas II, que apresenta uma ênfase no estudo das ações com música em projetos sociais. Neste primeiro semestre de 2024, estudamos um autor chamado Dutra (2024) que atualiza a discussão sobre os aspectos humanos e técnicos nestes contextos. Tal autor foi acrescentado as discussões por estar presente no Dossiê sobre projetos sociais da Revista da Abem (Associação Brasileira de Educação Musical), recentemente lançado. Dutra revisita as ponderações já apresentadas por Kater (2004) e Kleber (2011), autores consagrados no que se refere a este assunto.

Ao me deparar com os desafios do momento em que vivíamos, com a tragédia das cheias e deslizamentos no Rio Grande do Sul, esta discussão me pareceu pertinente, na medida em que pode servir de subsidio para a busca do questionamento “O que devemos ensinar nesta volta às aulas na universidade?” Estes aspectos humanos parecem aflorar como muito importantes para contextualizar o ensino de música dentro do que se faz possível neste momento. Nas palavras de Dutra (2024, p.7)

a educação musical na perspectiva da humanização também não busca “equilibrar” a formação humana e a formação musical, como se fossem forças separadas onde se pretende a sustentação de ambas. Dessa forma, faço aqui dois apontamentos: primeiro, não há possibilidade de uma educação musical humanizadora sem de fato haver ensino e aprendizagem em música; segundo, e em destaque, não há possibilidade de haver educação musical sem se levar em consideração a perspectiva humana da educação. Ambas as coisas, ser humano e educação, coexistem. (DUTRA, 2024, p.7).

Além disso, uma vez que me engajo neste tipo de pesquisa, tomei o termo musicobiografização de Abreu (2022), para definir o contar e o recontar de histórias sobre

21 a 23 de novembro de 2024
Maringá - Paraná | Universidade Estadual de Maringá / Sesc



www.abem.mus.br

música neste processo. Este olhar para a pessoa que aprende e para a intersubjetividade de alunos e professores, para alguns autores, também se configura numa narrativa da própria vida. Para Passeggi (2020) apud Abreu (2022)

na biografia como vida encontramos o sujeito da experiência, na biografia como formação o sujeito epistêmico, e na biografia como texto o sujeito autobiográfico que se constituiu, na(s) e pela(s) linguagem (ns) numa estreita relação com o sujeito epistêmico e da experiência. [...] O que resulta para mim desse exercício filosófico sobre as três dimensões do sujeito – epistêmico, da experiência e autobiográfico – é que o sujeito autobiográfico religa no processo de autobiografização, o sujeito epistêmico e da experiência [...] Mediante o uso da linguagem (oral, escrita, digital gestual, icônica...) ele se transforma em narrativa, poesia, [música] e história. Sua essência não é, pois, a vida (bios), mas a narrativa (texto), na qual e pela qual ele se torna um outro (reinventa-se) (PASSEGGI, 2020, p. 73-74, grifo da autora Apud ABREU, 2022, p.3.).

Nesta direção, a perspectiva (auto)biográfica, de certa forma, desseca as relações humanas, colocando um foco na maneira como a pessoa, aluno ou professor, se constitui e em como tal processo pode ser narrado. Este processo narrativo é estudado na presente pesquisa a partir dos diários. Os diários se apresentam como uma opção metodológica interessante porque, ao mesmo tempo, relatam as circunstâncias, muitas vezes adversas, vividas pela professora formadora e seus alunos e auxiliam na reflexão e tomadas de decisão da pesquisadora, enquanto ministrante das disciplinas, ao longo do processo.

Metodologia

Ao lado da tradição do diário íntimo que a literatura tem comentado, existe uma tradição do diário de pesquisa que começou em 1808, com o livro de Marc-Antoine Julien, “Ensaio sobre o método..,” que convida os jovens a se formar escrevendo três diários: o diário da saúde, o diário de seus encontros e o diário de suas aquisições científicas. (HESS, 2006, p.89).

Trazendo de 1808, data do primeiro livro sobre diários para pesquisa, para 2024 ainda é possível localizar uma utilidade para os diários, no que tange ao relato da subjetividade do professor e da intersubjetividade com seus alunos. Nosso grupo de pesquisa tem uma larga experiência em relação à utilização dessa metodologia para

21 a 23 de novembro de 2024
Maringá - Paraná | Universidade Estadual de Maringá / Sesc



www.abem.mus.br

pesquisa. Desde 2010, são 6 capítulos de livro, 6 artigos, 2 teses, 2 dissertações e 10 TCCs. No que tange a projetos sociais e música, destaca-se o artigo de Sala e Louro (2015), no qual as questões da escolha de repertórios musicais são abordadas a partir de uma intersubjetividade com os alunos. No que se refere a pesquisas a partir de diários da professora formadora se destacam dois escritos Louro (2023), sobre aulas de flauta doce no ensino superior e Louro (2013), sobre a relação entre as histórias de vida dos alunos e o referencial teórico de Larrosa (2002) em aulas de pesquisa para o curso de Licenciatura em Música da UFSM.

Além disso, junto com Douglas Weiss, revisamos os conceitos de diário de aula e jornal de pesquisa. (Weiss e Louro, 2016). Nele, retornamos os autores como Zabalza (2004), que afirma

Racionaliza-se a vivência ao escrevê-la (o que tinha natureza emocional ou afetiva passa a ter, além disso, natureza cognitiva, tornando-se assim mais manejável), reconstrói a experiência, com isso dando a possibilidade de distanciamento e de análise e, no caso de desejá-lo, se facilita a possibilidade de socializar a experiência, compartilhando-a com um assessor pessoal ou grupo de colegas. (ZABALZA, 2004, p. 18).

Em relação ao jornal de pesquisa, Barbosa e Hess (2010) diferenciam

A prática do JP se insere numa outra perspectiva de entender e de fazer ciência, que se caracteriza por apresentar posições opostas em relação à linguagem matemática e ao isolamento do sujeito. Nessa outra perspectiva, entram em cena a pesquisa qualitativa, a postura hermenêutica e interpretativa e a incorporação da presença do observador com todas suas implicações, apresentando como resultado um conhecimento não objetivo no sentido matemático, mas híbrido, mestiço, resultante da mistura de razão e subjetividade do observador[...]. Precisamos avançar nesse procedimento de ver a nós mesmos, enquanto olhamos nossos objetos de interesse e interrogação. Assim, tão importante quanto darmos conta do mundo que nos é exterior é avançarmos no conhecimento de nós mesmos. (BARBOSA; HESS, 2010. p. 32- 33).

Nesta pesquisa, foram utilizados diários de aula e jornais de pesquisa, também chamados de diários de reflexão.

No que tange à análise de diários Zabalza (2004), proposta em cinco etapas: 1) Construir a impressão geral dos diários; (fazer uma leitura completa), 2) Analisar os

padrões e as repetições; 3) Identificar os pontos temáticos que vão aparecendo e fazer uma leitura transversal: 4) Analisar qualitativamente os elementos explícitos e implícitos da informação do diário e 5) Identificar os dilemas profissionais e pessoais que aparecem no diário. (Resumo das páginas 147 a 150).

As aulas foram retomadas em 27 de maio. Foram escritos, até 20 de julho de 2024, 6 diários de aula, 3 jornais de pesquisa, 5 diários condensados (após um tempo passei a escrever sobre as aulas de quarta de manhã e de tarde e quinta de manhã de forma conjunta).

As disciplinas que foram relatadas nos diários são:

- Educação Musical III: ênfase na infância-aspectos psicológicos
- Seminário Temático II Linha de Pesquisa Educação e Artes
- Práticas Educativas II,
- Estudos orientados à pesquisa.

Educação Musical III é uma disciplina básica do terceiro semestre para o curso de Música: Licenciatura, que possui 60h de carga horária, metade teórica e metade prática; Seminário Ip04 é uma disciplina com 60h para o mestrado e doutorado em Educação na linha de pesquisa Educação e Artes, com ênfase no estudo de autores ligados à (auto)biografia e Educação Musical; Prática Educativa II é uma disciplina de 60h como prática de ensino não-escolar para os alunos do curso de Música: Licenciatura Plena com ênfase em projetos sociais; Estudos orientados à pesquisa é uma disciplina de Mestrado e Doutorado em Educação, a qual formaliza a participação dos alunos no grupo de pesquisa.

Nestas primeiras aulas, trabalharei com duas perguntas

- Que experiências vocês podem contar sobre as enchentes?
- Como está acontecendo ou como vocês imaginam a volta dos seus alunos às aulas de música?

Só posteriormente, em cada aula, passei aos conteúdos programados das disciplinas.

A seguir trago a análise de dados, buscando contar as histórias do semestre, depois da volta da enchente, de modo semi-linear tentando problematizar os trechos tanto pela ordem em que são colocados, quanto pelos autores com os quais vou dialogando.

21 a 23 de novembro de 2024
Maringá - Paraná | Universidade Estadual de Maringá / Sesc



www.abem.mus.br

Análise de dados

Teria sido o final da aventura? Não era só o começo. Para nós foi pouco, nove dias sem luz, pouca água, pouca internet e a impossibilidade de sair. Já para povo do Rio Grande do Sul foi uma imensa tragédia. Ajudamos como pudemos dando principalmente apoio aos funcionários do nosso viveiro que são líderes na comunidade. Mas um dia deveremos voltar a sala de aula universitária, o que ensinar diante dessa tragédia? Com que metodologias? (Jornal de pesquisa, 14.05.2024).

Numa análise de dados baseada nos princípios de Zabalza (2004), pude localizar os seguintes dilemas nos diários: 1. Ao recomeçar as aulas seria interessante simplesmente retomar os conteúdos ou seria melhor abordar as experiências com as enchentes também? 2. Como continuar dando aula com as dificuldades apresentadas por mim e pelos estudantes?

“A chuva ameaça parar e está só uma garoa, mas todos nos sentimos meio como mofados. Nossas ideias, nossas aulas, nossos eventos, nossos prédios, nossos pensamentos ‘ta tudo meio estranho’ como falou uma aluna na aula de prática educativa II.” (diário de aula, 29.05.24). O curso de Música: Licenciatura ficou parado por um mês, eu, pessoalmente, tinha muitas dificuldades de deslocamento, porque a ponte da localidade onde moro caiu, apesar de ser professora universitária e ter condições financeiras para morar em outro lugar optei por estar junto a natureza onde meu marido pode desenvolver seu sonho de ter um viveiro de plantas ornamentais. Ao recomeçar as aulas escolhi conversar primeiro sobre as experiências das enchentes. A música, e seu ensino, acontece num contexto.

Como já afirmavam os autores do livro organizado por Aróstegui em 2004, *The Social Context of Music Education*, o que também foi destacado por Souza e Frega (2022) em seu artigo sobre Educação Musical e Direitos Humanos ao afirmarem que

Com este trabalho pretendia-se estabelecer um diálogo entre a educação musical e os direitos humanos. Se tivermos em conta as possibilidades de ação da educação musical em um cenário social de forma tal que essa área também possa configurar como um outro campo disciplinar, junto a tantos outros que defendem, preservam, garantem e mantêm os direitos humanos como uma dimensão. (SOUZA; FREIGA, 2022, p. 67).

21 a 23 de novembro de 2024
Maringá - Paraná | Universidade Estadual de Maringá / Sesc



www.abem.mus.br

Ainda corroborado por Vasconcelos, Pires e Lemos (2024, p.2) quando estes autores ponderam que:

A música, nas suas múltiplas vertentes e funcionalidades, pode ser caracterizada como uma construção humana que envolve ideias, emoções, estruturas, códigos e convenções, contextos e historicidades, numa rede alargada de pessoas e de sentidos. Por outro lado, apresenta-se com uma dimensão social, uma vez que as práticas musicais, quaisquer que elas sejam, de natureza mais interpretativa ou criativa, implicam um conjunto diversificado de relações interpessoais e comunitárias. (VASCONCELOS; PIRES; LEMOS, 2024, P.2).

Desta forma, o objetivo da formação dos professores de música vai bem além das questões técnicas abrangendo questões sociais e de cidadania.

Os depoimentos chegam, um aluno fala do coro no projeto social, a abordagem muda, “uma aluna atingida, flexibilização de faltas e repertório” Outro aluno narra das aulas de violino no mesmo projeto. “No primeiro dia depois da enchente falamos mais do que tocamos”. (...) combinamos retomar o esquema normal das aulas na próxima semana com o projeto de pesquisa nas entrelinhas. (Diário de aula, 27.05.2024).

Numa perspectiva mais musicobiográfica, os alunos de pós-graduação rememoram as músicas que ouviram durante as enchentes. Para Abreu (2022), “Trata-se, portanto, de um acesso da reflexão dessa narrativa em que o sujeito se volta para si mesmo como autor e narrador. Ele é o próprio objeto de reflexão em estreita relação com a linguagem musical.” (ABREU, 2022, p.5).

O doutorando deixou a tarefa tragam suas músicas na próxima aula. Hoje é a próxima aula, começamos em tom triste, falo da situação da minha vizinha que está internada depois de ver a sua casa devastada pela enchente, a primeira aluna trás “Sorri de novo”, do compositor Tales de Poli da banda Maneva ficamos meditando no tamanho da tristeza que se abate sobre todos nós.(...) Outra aluna traz, O Xote da Amizade de Mario Barbará, ela conta como teve muitos amigos atingidos pelas enchentes, principalmente em Porto Alegre, estava triste e não pensava em cantar e tocar e então surgiram os eventos para arrecadar donativos, ela se puxou saiu da prostração e foi tocar, “era preciso fazer alguma coisa, escolhe uma música alegre pois a questão e transformar tristeza em alegria”. Outra aluna lembra uma enchente da sua cidade que fica

às margens do Rio Uruguai e traz Mágoas do Rio.¹ (Diário de aula, 12 e 13 de junho).

Lembro ainda que falamos muito em fazer música em família na falta de energia, mostro a foto de meu sobrinho tocando flauta doce, que eu ensinei a luz de velas. Assim, a música parece ser uma catarse para o medo e a falta de segurança dos momentos vividos por mim e pelos alunos de pós-graduação nas enchentes. Mas é necessário continuar com a ementa das disciplinas, no caso de práticas educativas II, é preciso dar as aulas, o que se torna problemático depois das enchentes. Ao narrarem suas dificuldades enquanto professores de instrumento, os alunos problematizam as suas experiências com música e ensino. Numa direção semelhante a desenvolvida por Abreu (2022).

Os dois alunos que ainda não conseguiram começar as suas aulas culpam a volta das enchentes, “sabe as pessoas estão desorganizadas e ficam cheias de desculpas”, todos os alunos, que são professores de aulas particulares de música, apontam o dilema da ausência dos alunos em muitas aulas e de não avisarem com antecedência² O que parece se salientar é uma certa desmotivação dos alunos para a aula de música que acaba por desmotivar o professor. Converso com os alunos que ainda não deram aulas, proponho materiais didáticos ou videoaulas, devo encontrar um caminho para que possam administrar a disciplina nesta circunstância. Quanto à motivação, retorno à questão do musical e do humano trazido por Dutra (2024), o humano é essencial aos projetos sociais e talvez seja essencial a motivação dos alunos particulares nestes momentos pós-enchentes. (Diário de aula 12 e 13 de junho de 2024).

Parece que, mais ao final do semestre, conseguimos transformar tristeza em alegria, conforme pontuei em um diário (jornal de pesquisa, 01.06.24), sobre uma missa na qual toquei, que seria essencial tanto para as pessoas relacionadas à minha religião como para todos, de acordo com o que aponta Dupuy (2006), existe um movimento de união para a superação da tragédia.

A tarde procuramos ensaiar e debater sobre o recital (...)o título do recital, uma aluna sugeri: “Recital de Práticas Educativas e Seminário Narrativas: entre diários e experiências musicais”. Gosto muito! Penso na diferença entre experiências musicais e como são narradas, o contraste maior é desta turma com a de segunda

¹ Mágoas do Rio, letra e música de Los Camangos.

² Como prática de ensino os alunos da disciplina estavam dando aulas particulares de música, como aulas individuais os alunos para quem estavam lecionando faltavam sem avisar alegando estar desorganizados por causa das enchentes.

(Educação Musical III), os de segunda querem tudo planejado ensaiado e direitinho, os de quarta se divertem muito e sabem que estamos fazendo música em casa no caso desse recital, que diferente da outra turma que prepara um recital para a escola. Os de quarta de tarde parecem se divertir muito, alguns vão ao banheiro meio alongadamente e olham muito o celular, mas a maioria curti o momento, estão com pressa até de terminar a aula, muitas outras tarefas, mas no momento em que vejo os alunos tocando nas minhas flautas doces graves, improvisando e dançando, acredito que de uma forma concreta conseguimos transformar a tristeza, do momento inicial da volta depois das enchentes, em alegria (Diário de aula, 03.07.24).

É importante tirar a áurea romântica do momento, sim conseguimos nos alegrar um pouco e talvez trazer alegria para os alunos dos nossos alunos, mas os desafios eram muitos, mas tratava-se de manter o lúdico presente em meio as incertezas como ponderei em outro diário. (Diário de aula, 17.06.24). E também de levantar a névoa de tristeza que pairava sobre nós, como mencionei em ainda outro diário. (Diário de aula, 05.06.24).

Implicações para a formação de professores e metodologia de ensino da música

Em alguns diários ensaiei categorias de análise possíveis. Geralmente os dados eram muitos e precisavam ser organizados, mesmo antes de ser escritos. Este subtítulo acima foi esboçado como uma categoria e me ajudou a aglutinar algumas reflexões anteriores ao diário que estava escrevendo.

Penso no encontro entre a carência das crianças no abrigo da aluna de práticas educativas II com a conversa do professor de violino da Educação Musical III, parece que o humano já pensando no que disse Dutra (2024), é bastante urgente. Lembro de tudo o que falaram sobre estágio, é comum nas aulas de práticas educativas, principalmente no final, que eles tragam depoimentos dos estágios, são disciplinas diferentes, mas ambas sobre prática de ensino. Os nossos professores em formação tão bem apavorados com as crianças e adolescentes alguns que não se enquadram em esquemas disciplinares, outros que dizem “a aula ta chata vou embora”. Talvez pudéssemos pensar que as tragédias seriam mais um elemento a complexificar esta atividade de ensinar que já parece suficientemente caótica, mas talvez seja realmente o humano através da intersubjetividade que pode nos mostrar algum dos caminhos viáveis para junto com as crianças e adolescente buscar um recomeçar neste planeta, que se nós não acabarmos com ele antes, estará aqui para o nosso futuro. (Diário de aula, 29.05.24).

21 a 23 de novembro de 2024
Maringá - Paraná | Universidade Estadual de Maringá / Sesc



www.abem.mus.br

E, assim, num momento de encerramento de semestre, fizemos um recital das disciplinas de seminário narrativas e práticas educativas II. Interessante que estas são disciplinas pelo princípio teóricas e de prática de ensino, mas os alunos desejaram fazer música para trabalhar com as múltiplas emoções do momento.

"passa chuva, passa vento, só não passa o movimento do cirandeiro a rodar" Está foi nossa última música no recital. Expliquei no início, fiz um projeto de pesquisa com diários sobre como voltar às aulas depois das enchentes. Parecia haver uma névoa sobre nós, como o clima de hoje de manhã, mas ela se dissipou e podemos transformar a tristeza em alegria, como a ludicidade que praticamos com nossas crianças (alunos), mesmo quando as coisas não estão bem. Algumas canções gauchescas melancólicas, canções de alegria, também características do nosso estado, uma MPB para variar, algumas outras canções populares e a ciranda ao final. Muitos risos, conversas, sons, muita descontração e um certo alívio de ter permissão de se divertir em uma atividade acadêmica. Convidados especiais, o filho de um dos funcionários do nosso viveiro, que é líder comunitário, como falei antes, (...) e as minhas flautas de diversos tamanhos, que agora não parecia um peso, como no Titanic, mas mais uma ferramenta para buscar experiências musicais.³⁴ (Diário de aula, 17.07.24).

A multiplicidade de temas desafia à análise neste tipo de pesquisa, mas existe um fio condutor a intersubjetividade e musicobiografização que perpassam este olhar sobre o que eu escrevi, a parti da minha experiência com os alunos(as) das disciplinas. Destaco ainda a passagem de uma névoa de tristeza para a alegria possível nas circunstâncias, através da ludicidade experienciada no fazer musical.

Breves considerações

Talvez uma primeira conquista seja a de que “sobrevivemos ao semestre”, foi possível desenvolver as aulas, mesmo com todas as dificuldades e tristezas trazidas pelas enchentes. A música parece ser o maior elemento lúdico que nos proporcionou passar da

³Nos ensaios e recitais os alunos tocavam diversos instrumentos e cantavam conforme já haviam aprendido anteriormente. A minha história de estudante e professora de música está ligada também a flauta doce. Tendo a maioria das flautas da família (soprano, contralto, tenor e baixo) costume propor que as utilizemos nas músicas que fazemos nas disciplinas. Neste semestre tentamos fazer um arranjo do tema do Titanic, que não deu certo por ser muito difícil, as intervenções mais improvisatórias parecem ter dado mais certo.

⁴Músicas do recital: Canção da meia noite (Zé Flávio), Até o fim (Humberto Gessinger), Escuta o que eu te digo (Fábio Soares), Grama Verde (Vitor Ramil), Xote da amizade (Mário Barbará), Mágoas do Rio (Los Camangos) e Cirandeiro (canção do folclore brasileiro).

tristeza para a alegria, considerando os diários como a metodologia que ajudou a narrar, e a construir, este processo. Ensinar sobre o contexto social do fazer e do ensino musical pareceu essencial para encontrar caminhos de reconstrução da própria conexão de cada um com sua caminhada como professor de música. A musicobiografização nos auxiliou a encontrar este entrelaçar entre narrativas e músicas. A intersubjetividade focalizou as relações e como poder problematizá-las num momento, por si só, já muito desafiador. Por fim, esta pesquisa marca um novo começo para mim enquanto pesquisadora. Após vivências pessoais desafiadoras, senti-me motivada a escrever e colaborar no momento da retomada das enchenças, não só pelos meus alunos e os desafios de ensino, como também por morar em um sítio, numa localidade na qual muitas pessoas estavam tentando recomeçar e eu sentia que a minha colaboração devia ser como pesquisadora. Uma vez que a música, o ensino de música e a pesquisa em Educação Musical não são supérfluos, mas podem colaborar com sentidos para reconstruir as vidas de

Referências

ABREU, Delmary Vasconcelos de. Um ensaio sobre a musicobiografização como uma vertente para a pesquisa (auto)biográfica em educação musical. *Revista da Abem*, v. 30, n. 2, e30202, 2022.

ARÓSTEGUI, José Luis. *The Social Context of Music Education*. Champaign: University of Illinois, 2004.

BARBOSA, Joaquim G.; HESS, Remi. *O Diário de Pesquisa: o estudante universitário e seu processo formativo*. Brasília: Liberlivro, 2010.

DUPUY, Jean Pierre. Ainda há catástrofes naturais? *Análise Social*, vl.XLI (181), 2006. p.1181-1193, 2006.

DUTRA, Pedro. Por uma educação musical humanizadora: uma experiência a várias mãos. *Revista da Abem*, [s. l.], v. 32, n. 2,, 2024.

HESS, Remi. Momento do diários e diário dos momentos. In: SOUZA, Elizeu Clementino de; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. (org.) *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006, p. 89-103.

21 a 23 de novembro de 2024
Maringá - Paraná | Universidade Estadual de Maringá / Sesc



www.abem.mus.br

KATER, Carlos. O que podemos esperar da educação musical em projetos de ação social. *Revista da Abem*, Porto Alegre, v.10, março de 2004.

KLEBER, Magali. A rede de sociabilidade em projetos sociais e o processo pedagógico musical. *Revista da Abem*. Londrina, v.19,,n.26, p.37-46, jul-dez, 2011.

LARROSA, Jorge. “Tecnologias do eu e educação”. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *O sujeito da educação: Estudos Foucaultianos*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2002, p.35-86.

LOURO, Ana Lúcia. Improvisando sobre um tema de Larrosa: diários de aula numa disciplina sobre a 'narrativa de si' na pesquisa em Educação Musical. *Educere et Educare* (Impresso), v. 8, p. 479-497, 2013a.

LOURO, Ana Lúcia. Reflexão narrativa sobre ensino de instrumentos musicais: diários de aula de flauta doce IN: ROCHA, Sheila M.; GABRIEL, Gilvete de Lima *Formação docente e práticas educativas* Boavista: Editora da UFRR, 2023, p. 236-265.

SALA, Hena Doris ; LOURO, Ana Lúcia. O diário de aula como um espaço para (auto)narrativa dentro de aulas de canto coral em um projeto social. *Reflexão e Ação* (Online), v. 23, p. 411-431, 2015.

SOUZA, Jusamara; FREGA, Ana Lucía . Educación musical y derechos humanos: diálogos necesarios. *REVISTA INTERNACIONAL DE EDUCACIÓN MUSICAL* v. 10, p. 63-71, 2022.

VASCONCELOS, António PIRES, Ana Luísa; LEMOS, Gina. Práticas musicais, cidadania e bem estar IN: VASCONCELOS, António Ângelo. (org). *Projeto Recriar-se – Música- (2024)- as práticas musicais e a volta a sentir-se pessoa* Setúbal; Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal, 2024, p .2-7.

WEISS, Douglas R. B.; LOURO, Ana Lúcia. Diários de aula particular e Jornal de pesquisa: Uma experiência formativa voltada ao ensino de acordeom para terceira idade. *Revista Digital do LAV*, v. 9, p. 119-139, 2016.

ZABALZA, Miguel. *Diários de aula: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional*. Porto Alegre: ArteMed, 2004. 160p.